

MORTES

Ciro dos Anjos-me conta a história de um sujeito de Belo Horizonte, inspetor de ensino, que tinha muitos amigos na imprensa. Um dia veio um telegrama de uma cidadezinha do Oeste, aonde ele fôra, noticiando a sua morte. Todos os jornais publicaram — "figura benquista nos meios educacionais", etc. — e dias depois ele visitava tôdas as redações para agradecer — e confessar que o telegrama era seu mesmo; não resistira ao desejo de ver o que a imprensa diria quando ele morresse.

A única punição que um secretário de jornal encontrou para essa brincadeira foi se negar a retificar a notícia. "Aqui você continua morto". E dias depois, como tivesse de fazer uma referência a ele, usou antes de seu nome, o adjetivo sacramental: "o saudoso Fulano d. Tal". Essa brincadeira pareceu de excessivo mau gosto ao falso defunto; afinal nós podemos brincar com a nossa própria morte; os outros não.

Que a valdade dos homens se projete além da vida, é coisa comum. Dizem que o sr. Claudio de Souza que é um dos nossos imortais, não confiou nos amigos nem parentes, e muito menos nos admiradores; mandou fazer para si mesmo um confortável mausoléu e ele próprio redigiu o epitáfio; mas isso já me parece um certo abuso. Afinal nós somos donos de nossa própria morte mas não do que vem depois. Isso é com Deus, e com os outros.

Estamos vendo agora uma ondã de homenagens póstumas a Eva Perón; são tantas e tais essas homenagens como nunca se fez a ninguém; a impressão que se tem é que elas tiraram, pelo exagero e grandiosidade, essa impressão dolorosa, humana e simples que todos tivemos ao ver morrer, de maneira tão cruel e tão cedo, a ilustre senhora.

E' penoso pensar que, além do culto verdadeiro, há nisso uma exploração emocional para fins políticos, e que muitos dêsses vivos que propõem ou executam homenagens não estão pensando na morta, mas no viúvo. O verdadeiro culto aos mortos não exclui um certo pudor: em grande parte ele dispensa as pompas, e vive apenas de um pensamento humilde e triste.

Esse tipo de homenagens múltiplas e grandiosas tende a afogar a emoção; faz da morte alguma coisa barôca, atropelada de ornatos e floreios vãos. Talvez para esconder a sua terrível simplicidade.

24/8/52

α B.